



História Guerreira dos Parintintin.

Os Parintintin do rio Madeira (AM), um povo guerreiro, assiste hoje o roubo de madeiras de suas terras não demarcadas. Os seus castanhais, que malmente garante a fonte de subsistência da comunidade são reclamados por um rico comerciante, Eduardo Conde. Como se não bastasse, o tutelar quer transferi-los para junto dos Tenharim outro povo indígena e dessa forma deixar livre a área para os fazendeiros. Os parintintin foram "pacificados" e na mesma sequência esmagados.

O antropólogo, Curt Nimuendajú fez, em 1924, um artigo intitulado "Os Índios Parintintin do Rio Madeira" que é uma pesquisa rigorosa sobre a vida guerreira desse povo. Os Parintintin fizeram uma história de brava resistência contra os invasores. Por outro lado, o artigo de Nimuendajú permite analisar os métodos de pacificação postos em prática pelo antropólogo.

FAMA DE CRUÊIS

"A primeira notícia documentada de um ataque de Parintintin que eu possuo é do ano de 1852 (Relatório do Conselho Herculano Ferreira Pena): em novembro daquele ano eles mataram no rio Marmelos 3 pessoas ocupadas na extração de óleo de copaíba e queimaram o barraco com os objetos nela depositados. Pela maneira como é registrado o ataque vê-se que a hostilidade não eram nenhuma novidade naquela época. Desde então talvez que não tivesse passado um só ano sem que os Parintintin não tentassem ao menos um assalto aos civilizados com resultados mais ou menos funestos para eles. Fixaram-se estes índios entre o Madeira e os seus afluentes Marmellos e Machado e tornaram-se o flagelo da população civilizada. Não se pode mais averiguar a quem coube a culpa pelas primeiras hostilidades + temos de considerar que os Kawahib (nome que Nimuendajú dá aos Parintintin), desde o seu aparecimento eram uma tribo aguerrida, e que na zona do Madeira eles penetraram como invasores, estabelecendo-se à custa dos Torá e, provavelmente também dos Mura. Narra, porém, uma tradição destes mesmos Torá que no princípio os Parintintin absolutamente não se mostravam tão hostis, e que a guerra implacável foi provocada pelos excessos dos civilizados. Quem conhece os processos comuns da conquista do sertão jamais porá em dúvida a veracidade desta tradição.

Uma guerrilha cruel e traiçoeira começou e se arrastou durante longos decênios. Nas suas correrias anuais os Parintintin derramavam o terror, a morte, o sangue e o incêndio no meio dos civilizados, e das represálias que estes costumavam tomar nenhuma melhora resultou,

pois nelas os civilizados, geralmente, se comportaram pior que os seus adversários selvagens. Bradou-se por medidas enérgicas; exigiu-se o extermínio da tribo, e os moradores do sertão contribuíram o mais que foi possível para este fim, fazendo fogo sobre qualquer Parintintin, onde quer que ele se apresentasse. Apalaram contra eles seus inimigos velhos: os Munduruku.

E foi desta forma, por uma guerra de 80 anos, que os Parintintin consolidaram a sua fama de "feras cruéis e indomáveis", e se tornaram alvo do ódio e o horror de todos os seus vizinhos".

PACIFICAÇÃO

"É um conceito muito vulgar, mas completamente errado, ser o melhor meio de pacificar uma tribo hostil fazer uma expedição pacífica as suas malocas. Com tais entradas nunca se realizará a pacificação de uma tribo intratável como a dos Parintintin. O pacificador tem de estabelecer-se permanentemente no território dela e obrigá-la com esta medida a entender-se pouco a pouco com ele, depois de ter-se convencido da inexpugnabilidade de sua posição e das vantagens que a permanência dele traz para a tribo toda. A escolha de lugar para um posto de pacificação deve satisfazer as três condições seguintes:

1. - Ser posto estabelecido tão longe da zona povoada que se destaque dela à primeira vista e que sua guarnição seja facilmente distinguida pelos índios dos outros moradores, geralmente seus inimigos.
2. - Estar situado nas terras permanentemente habitadas pelos índios, mas não perto demais das suas malocas, para não causar o abandono delas, por medo de alguma surpresa.
3. - Ficar ligado à zona do comércio por uma via de comunicação, a mais fácil possível e que seja transitável durante o ano todo.

A pessoa encarregada de uma pacificação nunca deve se confiar na mediação de terceiros, geralmente sem o menor sentimento de responsabilidade e sem compreensão do problema a resolver; e se não possui as qualidades necessárias para proceder pessoalmente, melhor será, para ele e para os índios, que confesse a sua incompetência e não prossiga.

No dia 31 de março de 1922 desembarquei pela terceira vez no Nove de Janeiro, com 22 homens e todo o material necessário para me estabelecer permanentemente. Mal tínhamos posto: as mercadorias em terra e levantado um acampamento provisório, quando no dia 2 de abril, às 11:30 h. os Parintintin deram o primeiro

assalto, com grande grito de guerra. Um dos trabalhadores que se achava fora das trincheiras, por pouco não foi flechado, mas ninguém se espantou e nenhum se espantou e nenhum tiro partiu do nosso lado. Recolhi as flechas e finqueias, cada uma com um brinde amarrado na haste, no trilho dos Parintintin, debaixo de uma pequena coberta, e o mesmo fiz depois com os estrepes que na sua retirada tinham colocado no caminho.

LINDAS COROAS DE PENA

A 15 de maio os Parintintin atacaram pela primeira vez a peito descoberto: até então eles se tinham conservado cuidadosamente, encobertos quando disparavam suas flechas. Naquele dia, porém, romperam a mata escura pra a luz clara do sol das 11 h., horrivelmente pintados de preto, com lindas coroas de penas amarelas e vermelhas na cabeça e rabos de arara caindo pelas costas abaixo. Como fuzilaria estavalavam as suas flechadas nas chapas das paredes, e debaixo de gritos furiosos eles avançaram ao longo da cerca em rumo da porteira. Era exatamente o que eu queria, e imediatamente gritei-lhes em Língua Geral, convidando-os para entrar. Pela sua experiência guerreira eles deviam ter esperado neste momento tudo menos um convite e, perplexos, pareciam prestar-me atenção por um momento. Mas logo redobram a sua gritaria selvagem e, brandindo as armas, desapareceram pelo trilho por onde tinham saído.

PACIFICADOS

O grande milagre estava feito: As feras indomáveis, os antropófagos com os quais só se podia falar pela boca do rifle, tinham pacificamente comigo conversado e trocado presentes durante quase três horas! O próprio pessoal do posto não cansou de dizer que eles não tinham nada absolutamente de brutal ou feroz no seu aspecto e no comportamento enquanto lá estavam conversando comigo. Estava feito aquilo que a população do Madeira em peso tinha julgado uma aspiração absurda, e por mais flechas que os Parintintin ainda entendessem disparar contra o posto, eu estava plenamente convencido de que, pouco a pouco, as relações amistosas se haviam de estreitar, até a completa pacificação.

Apesar de todas as precauções da parte nossa, o catarro espalhou-se entre eles logo depois do primeiro contato pacífico, felizmente numa forma benigna. Até então não pareciam conhecer ainda este mal: queixavam-se que tinha sido Garcia (um funcionário) que lhes transmitiu a doença e, cheios de indignação, limpavam o nariz no ombro dele.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Parintintin*

Class.: *PT 101.11*

Data: *Jan-Dez-181*

Pg.: *132*